

Visões divergentes da fotografia e do Japão

Atilio Avancini



Para a constituição de uma fotografia devem ser considerados três elementos imprescindíveis: a produção autoral do fotógrafo e sua câmera; a apreensão do conteúdo pelo leitor; e a dinâmica da presença do referente (objeto). No século XIX, a cena fotográfica foi percebida como espe-

lho límpido ou fiel da realidade, da mesma forma como os japoneses foram vistos pelo Ocidente como a cultura da cópia.

Muita coisa mudou quando a arte do século XX incorporou para a fotografia a visão de interpretação do real, abandonando a ideia de espelho do real. De fato, na modernidade, as certezas da imitação começaram a ruir, revelando outras possibilidades de compreender a fotografia, via espelho embaçado, distorcido ou ficcional. Ou seja, pontuando uma saída do linear e rígido ao sinuoso e plástico.

A possibilidade de transcender o real com a câmera convive, neste ensaio, com

a tecnologia mimética da máquina e a paisagem estética do Japão. Essas imagens expressam a cultura milenar nipônica, sempre voltada a conservar tradições. O propósito deste ensaio, portanto, tanto para a fotografia quanto para o Japão, é estimular visões divergentes, buscando a observação e a compreensão da hibridização cultural. Com isso, almeja-se o equilíbrio estético e a predileção pela sobriedade e economia de expressão.

As fotos autorais foram produzidas entre 2015 e 2017 no Japão, principalmente nas cidades de Osaka e Kyoto. As legendas trabalham com a ideia de desconstruir o mito do espelho (para a fotografia) e da imitação (para o Japão), dialogando com o silêncio e o poder das imagens. Diante do automatismo e artificialidade do mundo contemporâneo, busca-se um leitor mais contemplativo para visualizar as dez imagens apresentadas.

ATÍLIO AVANCINI é fotógrafo, professor da ECA/USP e autor de, entre outros, de *Entre gueixas e samurais: fotografias e relatos de viagem* (Edusp).



A fotografia (do grego *photos*, luz; *graphein*, escrever), transformada em discurso pela “escrita da luz”, é mensagem cultural. Esse dispositivo amplia a experiência humana, abrindo outras janelas para se ler o mundo. A imagem pode criar textos e, simultaneamente, a palavra pode criar imagens. Mas a verdade somente poderia existir quando a essência do objeto fosse tocada. No início da primavera - regida pelas árvores floridas *sakura* -, tudo é começo na terra do sol nascente. Efêmera e transitória, a *sakura* logo se despede e a tela da vida passa.



Argumentam que a fotografia é instrumento instaurador a imitar outras atividades artísticas. Entretanto, o mundo é sempre representado, seja pela linguagem verbal ou não verbal. E até mesmo pelo próprio olhar. Por detrás da ideia do belo, como algo organizador da imagem, há a chave do sentido instaurado que faz emergir os valores culturais do artista, cuja arte vai sinalizando um trabalho artesanal detalhista e minucioso.



Na dimensão humana do povo japonês há o conceito *ma*: o “entre” que é preñado de possibilidades, podendo demarcar o sublime no mundo. Das pedras às águas há sempre o espaço intervalar do “vazio”, como o vento a inspirar. A imagem, ao deixar vestígios poéticos e rastros de sentidos, faz abrir possibilidades e acolher infinitas modalidades para se ler o mundo. Pois a realidade é inacessível em sua própria natureza sob a visão da impermanência.



A imagem é prática clandestina que pode, de certo modo, mobilizar o fotógrafo e dissolvê-lo no tempo e no espaço. Além do mais, o prazer pelo texto fotográfico pode tornar-se exercício de transformação criativa para deslocar sujeitos - do referente ao leitor - do centro de enunciação à periferia. E assim promover olhares menos centralizados e coincidentes do mundo para que diferentes valores culturais possam ser vistos e respeitados.



Texto destinado a comunicar, a fotografia é signo (do latim *signum*, sinal; do grego *semeion*, marca), isto é, sistema pleno de sentidos. O leitor identifica-se com o que é representado pela forma plástica. Mas a ideia é refletir sobre o que se pode dizer para além do mostrado figurativamente. Ao observar determinadas fotografias a significação paira no ar, pois pode haver complexos símbolos culturais reverberados.



Explicações ocidentais sugerem que, no final do século XIX, a abertura do Japão à tecnologia, industrialização e avanço econômico teria sido uma evidência da cultura da observação, cópia e repetição. Entretanto, esta visão rígida faz lembrar o jornalismo visual do tipo *hard-news*, apresentado como cenário de um teatro grego: imagens na tela que representam e fixam o mundo convencional em que vivemos. Clamor emocional sem indagação ou reflexão limita-se a ser porta-voz da versão oficial, e do lugar-comum repetido à exaustão. No racionalismo embrutecedor dos meios de comunicação, o autor de imagens sabe diferenciar dois universos distintos: o ato de olhar imagens e o ato criativo do clique.



O olhar voltado para as coisas mais simples do cotidiano traça recortes da cultura local para capturar momentos singulares. O instantâneo fotográfico é chave para a formação do espaço de enquadramento e movimento composicional. Essa prática vai de encontro ao pensamento de registrar o urbano com subjetividade e transformar cada cena cultural em algo mágico. No fotógrafo andarilho desponta o sonho para arranjar em grande-angular o que poderia ser a cidade.



Toda fotografia é retirada da fluidez da vida. O plano do recorte torna-se espaço de construção e os elementos do dia a dia são espontaneamente reunidos como jogo de quebra-cabeça. O encaixe parece desajustado e a atenção muda rapidamente de uma coisa a outra: o mundo físico está presente brincando de segmentar corpos ou objetos para rearranjá-los. Assim, a fotografia busca acolher muitas vozes com diferentes perspectivas para fazer integrar pensamentos divergentes. E a sobreposição de fragmentos faz evitar o ponto de vista único.



No final do século XIX, o termo “japonismo” demarca a influência do estilo japonês na arte francesa dos impressionistas. Nesta imagem, discute-se a fotografia enquanto forma abstrata: o movimento oscilatório e caótico, o território das distorções e a deformação do espaço pelo fato inesperado. A noção de verossimilhança, ultrapassada e instável, cede à ficção como espaço criativo repleto de possibilidades. A continuidade do movimento fugaz gera ricas imprecisões no exercício artístico – da fotografia ou da pintura – para buscar centelhas da verdade.



Ao viajar por paisagens desconhecidas, deparamo-nos com pessoas, objetos, formas, linhas e cores em situações insólitas, possibilitando outro modo de ser e estar no mundo. Estar pronto para o risco de viver e se lançar é fator indispensável. Caminhar com os pés é a chave do fotógrafo e dar a ver com o corpo é o método. As fotografias parecem pertencer a todos e a nenhum lugar, cujo elemento imediato é o ser humano. Faça esquecer Kyoto, Osaka ou Tokyo. De fato, a imagem pode - e deve - franquear a dimensão invisível do visível. Eis a chave para se fazer da fotografia - e do mundo - uma busca poética.